

INVERSÃO SEXUAL NOS ARQUIVOS DO FIN DE SIÈCLE, DE GEORGE HÉRELLE

CORRÊA, Jociel¹; CAMARGOS, Moacir Lopes de².

INTRODUÇÃO

O século XIX pode ser destacado por trazer à tona diversas questões polêmicas, como a sexualidade, por exemplo. Como aponta o historiador francês Michel Foucault (1988) é nesse momento em que os discursos passam a regular a sexualidade. A partir de então, a sexualidade humana no ocidente passa a ser o que Foucault denomina de uma *sciencia sexualis* que busca regulamentar os corpos por meio dos seguintes dispositivos: discurso científico, apoiado pelo positivismo; discurso religioso, apoiado pelo catolicismo; discurso jurídico, apoiado nas leis. Desse modo, uma ideologia hegemônica dita as normas a serem seguidas pelos corpos.

Desse período, tomamos como referência para nossa investigação os trabalhos de autoetnografia realizados pelo professor/pesquisador francês George Hérelle (1848-1935) sobre a homossexualidade, denominada naquele momento como 'inversão sexual'. Esse termo foi cunhado pelo médico britânico Havellock Ellis (1859-1939) que escreveu a obra *Inversão sexual* para tratar da homossexualidade.

Neste trabalho, analisaremos o livro George Hérelle: *archéologue de l'inversion sexuelle "fin de siècle"*. Esta obra é uma coletânea de arquivos diversos - cartões postais, fotografias de rapazes, notas de viagem, correspondências, álbuns, manuscritos de um livro, etc - deixados por Hérelle na Bibliothèque de Troyes (Paris). Esta coletânea foi organizada pelo pesquisador canadense Clive Thomson que seleciona alguns desses importantes dados que são elementos inéditos e testemunhos da paixão de um homem que busca compreender a sexualidade humana por meio de diferentes indícios, embora isso fosse um segredo que deveria ser guardado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para análise da obra *Archéologue de l'inversion sexuelle "fin de siècle"*, de George Herelle tomamos como suporte teórico estudos que tratam sobre identidade e ideologia na perspectiva dos estudos do Círculo de Bakhtin.

Para Bakhtin, ideologia é um conceito que abrange mais do que um conjunto de ideias, princípios e convicções. Para o autor, um produto ideológico sempre pertence a uma determinada realidade (seja ela natural ou social), mas também reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior. Dessa forma, "tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo" (p. 30), sendo, portanto, um signo. Embora uma ideologia hegemônica possa ser mais evidente nos discursos, Bakhtin considera que há uma ideologia cotidiana que sempre caminha ao lado daquela e ambas se influenciam. Ou seja, ao tratarmos da linguagem, não podemos

¹ Licenciada em Letras habilitação Português/Inglês e respectivas literaturas (UNIPAMPA/Bagé). Especialista em Leitura e Escrita (UNIPAMPA/Bagé). Professora das redes estadual e municipal do estado do Rio Grande do Sul e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Bagé/RS. E-mail: jocielcorrea@gmail.com

² Graduado em Letras - Português/Francês pela Universidade Federal de Uberlândia (1995), mestre em Linguística Aplicada (Língua estrangeira) pela Universidade Estadual de Campinas (2003), doutor em Linguística também nessa universidade (2007), pós-doutor em Humanidades pela Universidade de Córdoba, Argentina (2008). Professor adjunto da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Campus Bagé. E-mail: lopesdecamargos@gmail.com

deixar de considerar a força que possui o cotidiano e sua influência para a mudança/transformação dos discursos hegemônicos.

Logo, os signos são ideológicos. “Sem signos não existe ideologia”, nos diz Bakhtin (1986, p. 30). Assim, a linguagem é composta de signos ideológicos e, por meio dela, nos interagimos com diferentes sujeitos para que possamos comunicar. E quando tratamos do discurso literário, não é possível separar linguagem e ideologia, pois as relações estabelecidas entre os sujeitos são impreterivelmente marcadas por estes conceitos.

METODOLOGIA

Por se tratar de uma investigação de cunho qualitativo, nossa referência para análise é o paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989), tendo em vista que essa metodologia não busca realizar generalizações, tampouco trazer respostas exatas a partir dos dados obtidos. Ao contrário, a investigação se dá pelo trabalho com o cotejamento de todos os indícios encontrados no contexto social pesquisado para buscar um aprofundamento do tema estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados de nossa pesquisa, a análise dos estudos publicados de Hérelle nos mostra um outro olhar sobre a sexualidade humana, tendo como foco a própria experiência do sujeito e o seu contato com outro(s) como ponto de referência para as compreensões das diferentes manifestações da sexualidade humana, e não somente a homossexualidade. Pode-se destacar, nas memórias escritas deixadas por Hérelle que ele enfatiza a presença do outro no seu processo de escrita autobiográfica, mostrando que o sujeito não é mais unívoco como mostrado em identidades tradicionais. Ao contrário, as memórias revelam diferentes vozes culturais interiorizadas pelo *self* ao longo da trajetória pessoal de Hérelle e de suas relações com outros *selves* em diferentes contextos socioculturais (VERSIANI, 2002)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a partir da leitura dos registros autoetnográficos do pesquisador francês temos mais uma excelente fonte de diversos dados para compreender a relação entre identidade e sexualidade. Por meio da relação que Hérelle estabelecia com diferentes sujeitos, advindos de culturas distantes da sua como italiana, marroquina, dentre outras, ele buscava explorar o desconhecido por meio de sua posição exotópica privilegiada. Porém, ao mesmo tempo em que interagía como esses sujeitos, embora estivesse de fora, em seu exercício de autoetnografia (VERSIANI, 2002), compreendia os outros (homossexuais, o grupo ao qual pertencia) e a si mesmo. Enfim, ele percorre os seus caminhos, em diferentes viagens e conta suas histórias de vida, mas sempre em relação com os outros com os quais ele interage, ou seja, ele traz registros de acontecimentos reais e concretos de suas experiências. Isso revela a extraordinária riqueza dos arquivos inéditos deixados por Herelle para que possamos pesquisar a mentalidade do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 4ª ed. Tradução Aurora F. Bernadini et al. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- BAKHTIN, M. _____ (Volochninov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 3ª ed. São Paulo, 1986.
- CAMARGOS, M. L. Interrogações sobre literatura gay. In: RODRIGUES, M. L. (org.). **Linguagem, gênero, identidade, história**. Rio de Janeiro: Litteris, 2011.
- ERIBON. D. **Réflexions sur la question gay**. Paris: Flammarion, coll. « Champs Essais », 2012.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal: 1988
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- VERSIANI, D. B. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, V.37, nº 4, p. 57-72, dez. 2002.